

ENTRE A FRANCOFILIA E A ANGLOFILIA: A LÍNGUA ESTRANGEIRA EM QUESTÃO NO BRASIL¹

RESUMO

As línguas estrangeiras ocupam na agenda dos Estados modernos europeus e pós-coloniais como o Brasil um lugar de importância. A francofonia e a anglofonia como novas formas do império da França e da Inglaterra significam a defesa da internacionalização da língua e da cultura a partir de uma realidade sociolinguística que é fruto da história, em especial da história colonial. Do universalismo francês ao conceito de novo império inglês, passando pelo pragmatismo americano, muitas representações estrangeiras chegaram ao Brasil. Esta intervenção toma como mote as ideias de França e de Inglaterra nos usos políticos e culturais de suas línguas em peças legislativas, na historiografia literária mas também a partir dos discursos de brasileiros e portugueses produzidos em pesquisa de campo sobre a relação com o saber linguístico de estudantes, professores e curiosos da língua e cultura de língua francesa e/ou inglesa.

Palavras-chave: Francofilia. Anglofilia. Ensino e estudo. Língua Estrangeira. Relação com o Saber.

* A ideia deste artigo aparece no texto de tese da autora defendido em 2022 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Este estudo foi orientado pelo professor doutor Bernard Charlot e coorientado no primeiro semestre letivo do ano de 2020 pela professora doutora Natália Alves, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa por meio do Programa Intercalar de Doutorado com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES-Brasil).

ENTRE LA FRANCOPHILIE ET L'ANGLOPHILIE : LA LANGUE ÉTRANGÈRE EN QUESTION AU BRÉSIL

Résumé

Les langues étrangères occupent dans l'agenda des États européens modernes et post-coloniaux comme le Brésil un lieu d'importance. La francophonie et l'anglophonie comme nouveaux formes de l'empire de la France et d'Angleterre signifient la défense de l'internationalisation de la langue et de la culture contre une réalité sociolinguistique issue de l'histoire, notamment coloniale. De l'universalisme français au concept d'un nouvel empire anglais, en passant par le pragmatisme américain, de nombreuses représentations étrangères sont arrivées au Brésil. Cette intervention prend comme objet les idées de France et de l'Angleterre dans les usages politiques et culturels de leurs langues dans les pièces législatives, dans l'historiographie littéraire mais aussi dans les discours des brésiliens et portugais produits dans le cadre d'une recherche sur le rapport au savoirs linguistiques des élèves, des enseignants et des personnes intéressées par la langue et la culture française et/ou anglaise.

Mots clés: Francophilie. Anglophilie. Enseignement et étude. Langue étrangère. Rapport au savoir.

BETWEEN FRANCOPHILIA AND ANGLOPHILIA: THE FOREIGN LANGUAGE IN QUESTION IN BRAZIL

Abstract

Foreign languages occupy a place of importance in the agenda of modern European and post-colonial states such as Brazil. *Francophonie* and *Anglophony* as new forms of the empire of France and England mean the defense of the internationalization of language and culture from a sociolinguistic reality that is the result of history, especially colonial history. From French universalism to the concept of a new English empire, passing through American pragmatism, many foreign representations arrived in Brazil. This intervention takes as its motto the ideas of France and England in the political and cultural uses of their languages in legislative pieces, in literary historiography but also from the discourses of Brazilians and Portuguese produced in field research on the relationship with the linguistic knowledge of students, teachers and those interested in the French and/or English language and culture.

Keywords: Francophilia. Anglophilia. Teaching and study. Foreign language. Relationships with Knowledge.

A QUESTÃO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

A língua estrangeira, como o seu próprio nome anuncia, é a língua de tudo que é, ou que parece ser externo ao exercício do poder de uma determinada sociedade. Mas ela é também por essa sociedade limitada à medida em que sua presença não é percebida com naturalidade pois representa o espaço do outro. Mais eficiente que a guerra armada, as questões linguísticas ocupam lugar de importância nos Estados modernos europeus e também nos pós-coloniais como o Brasil. Sabemos que hoje não há necessária coincidência entre a língua e suas fronteiras de Estado. Contudo, a língua e o território aparecem como temas interligados na política linguística de um país e tem frequentemente uma dimensão nacional, intervindo daí em um território delimitado por fronteiras.

[...] as relações entre a(s) língua(s) e a vida social são ao mesmo tempo problemas de identidade, de cultura, de economia, de desenvolvimento, problemas dos quais nenhum país pode escapar. E percebemos que também há uma política linguística da francofonia, da anglofonia, etc. [...] (CALVET, 1996, p. 9, tradução nossa).

Como impérios, a francofonia e a anglofonia significam a defesa da internacionalização da língua a partir de uma realidade sociolinguística que é fruto da história, em especial da história colonial (OLIVEIRA, 2014b). O caráter imperialista destas noções pode ser entendido como um modo simbólico, porém bastante efetivo de se reviver uma dimensão mítica da cultura francesa e britânica no mundo.

Do universalismo francês ao conceito de novo império inglês, passando pelo pragmatismo americano, muitas representações da francofonia e da anglofonia chegaram ao Brasil. Esta intervenção toma como mote as ideias de França e de Inglaterra nos usos políticos e culturais de suas línguas em peças legislativas, na historiografia literária mas também a partir dos discursos de brasileiros e portugueses produzidos em pesquisa de campo sobre a relação com o saber linguístico de estudantes e curiosos da língua e cultura de língua francesa

e/ou inglesa¹ que, dentre outras questões, levantou a francofonia e a anglofonia no Brasil.

OS USOS POLÍTICOS E CULTURAIS DA LÍNGUA FRANCESA E DA LÍNGUA INGLESA

Calvet em *La guerre des langues* (1999) afirma ser possível pensarmos a diferença linguística como núcleo da inferioridade ou superioridade dos homens. A língua é tomada como mote na configuração dos Estados nacionais e surge nela, por ela e através dela, representações de uma França e de uma Inglaterra que atravessaram o tempo e o espaço e entre nós foram estabelecidas.

A mais antiga manifestação de uso político da língua é do francês. Ainda em 1539, o então rei do território francês, François I (1515-1547), publicou a ordem de *Villers-Cotterets*, o mais antigo texto legislativo ainda em vigor na França que em seus artigos 110 e 111 definem o uso da língua francesa em atos oficiais até hoje nunca alterados (CALVET, 1999, p. 70). Dez anos depois, em 1549, Joachim du Bellay (1522-1560) publicou a obra *Défense et Illustration de la Langue Française* na qual destaca a superioridade do francês a nível lexical, em um trabalho descritivo sobre a sua origem pré-babélica e, portanto, mais nobre, em comparação com as outras línguas europeias, como o italiano, por exemplo.

Montesquieu, após uma viagem à Viena em 1728, observa que “*nossa língua é universal lá*”; Maupertuis afirmou em 1751 que ela é “*a língua universal da Europa*”; a edição de 1762 do dicionário da Academia apresenta-a “*quase tão necessária para os estrangeiros quanto sua língua natural*”; Voltaire, no *Século de Luís XIV*, especifica que nossa língua “*se tornou a língua da Europa*”, e a própria *Encyclopédia*, com o artigo “*Língua*”, indica que “*já tem os votos de todas as cortes onde é falada quase como em Versalhes*” (CALVET, 1999, p. 71, tradução nossa, grifo do autor).

Neste momento da história ocidental, a corte da França era o modelo para um mundo que se transformava pelas luzes de uma razão iluminista, divulgadas no velho e no novo mundo pela imprensa escrita, claro, em

língua francesa. Sobre esta universalidade, a Academia de Berlim escolheu como assunto de seu concurso em 1782 o seguinte tema: “O que fez do francês a língua universal da Europa? Onde ela merece essa prerrogativa? Podemos presumir que ela a guarda?” (BRUNOT, 1935, p. 912, tradução nossa). Concorreram 22 (vinte e dois) textos, dos quais, 16 (dezesesseis) memórias manuscritas foram analisadas por Ferdinand Brunot na obra *Histoire de la langue française* (1935). Para explicar esta universalidade, algumas razões foram elencadas nos manuscritos em Berlim e elas vão desde as circunstâncias políticas da França, em particular o próspero reinado de Louis XIV; aos viajantes franceses que partiram em missões para o estrangeiro, inclusive para o Brasil; até a circulação da literatura francesa como porta-voz do que se entendia por cultura à época. Mas quando os motivos desta universalidade são apresentados nos aspectos formais da língua, é central o papel da Academia Francesa na garantia do rigor da norma. Neste concurso foram premiados dois textos: um escrito em alemão, de Jean-Christ Schwab (1773-1821), e outro escrito em francês, de Antoine Rivarol (1753-1801), este último recorrendo ao argumento de que a ordem lógica da sintaxe francesa se mostrava superior à ordem dos sentidos.

O francês, por um privilégio único, permaneceu fiel à ordem direta ... a sintaxe francesa é incorruptível. É daí que resulta esta admirável clareza, base eterna da nossa linguagem. O que não está claro não é francês (Manuscrito de Rivarol, apud CALVET, 1999, p. 74, tradução nossa).

Admirada por aliados e inimigos, a França tornou-se, como coloca Paul Hazard (1971), “uma pessoa moral”. Assim, saber a língua francesa significava na Europa e em seus domínios o predicativo de distinção social, sobretudo pelo movimento diplomático que realizava, representativo de valores morais e éticos.

Lord Clarendon (1609-1654), Primeiro Ministro (*Lord Chancellor*) de Carlos II de 1660 a 1667, afirmava que havia dois motivos importantes para se aprender francês: 1) os franceses não tinham a intenção de aprender

Inglês, 2) era uma grande desonra para a corte quando embaixadores e príncipes estrangeiros visitavam o país e ninguém sabia como comunicar com eles (OLIVEIRA, 2014b, p. 142).

A Inglaterra não passou ileso pelo francesismo e muito menos Portugal e suas colônias, sobretudo nós, a América portuguesa. É inegável que a cultura estrangeira com maior representação em Portugal desde a Idade Média era a francesa. Para fazer frente à França não apenas política e economicamente, o governo inglês também trabalhou na difusão de sua língua no período de renascimento das letras inglesas, no reinado da rainha Ana (1665-1714) (OLIVEIRA, 2014b, p. 197). Na altura, a cultura inglesa funcionava contra a preponderância dos modelos franceses em várias partes da Europa e do mundo colonizado. A Inglaterra representava uma real ameaça à França não só pelo seu poderio militar e comercial, mas também pelo modelo liberal que defendia. Em clara expressão de anglofilia, o lexicógrafo francês Abel Boyer (1667-1729) afirmava que a língua inglesa, assim como a nação que a falava, era inimiga de toda imposição, consentindo tudo que contribuísse para a beleza e nobreza de expressão, ao passo que a francesa era pobre e escrava de regras (HAZARD, 1971, p. 59-60).

Oliveira (2014b) em *O mito de Inglaterra* identifica nos discursos sobre a história de Portugal as representações positivas e negativas da Inglaterra e do povo inglês, tendo como base as relações dinásticas, diplomáticas e culturais entre os dois países. O reinado de D. José I e a governação pombalina, no que se refere ao comércio, às milícias e à instrução pública, institucionaliza em Portugal uma oposição à aliança inglesa a partir de um grupo de intelectuais “estrangeirados”. Contudo, com as invasões napoleônicas em Portugal, a coroa portuguesa necessitou da ajuda dos ingleses no episódio da fuga para o Brasil, ocasião em que é fundado o império português na América.

A regência e o reinado de D. João VI (1767-1826), que governava do Brasil, deu lugar, em Portugal, a uma verdadeira ditadura inglesa, comandada pelo General Beresford (1769-1852), que, depois de expulsar os franceses

com a ajuda de Lord Wellington (1769-1852), obteve do rei plenos poderes para governar em Portugal, ganhando a aversão da população. O Tratado de 19 de fevereiro de 1810 reforçou ainda mais todas as vantagens que os ingleses já tinham, ampliando-as para o Brasil (OLIVEIRA, 2014b, p. 34).

Com a abertura dos portos ao comércio estrangeiro, especialmente ao inglês, já que Portugal estava impedido de negociar com a França pelo Bloqueio Continental imposto por Napoleão, os usos da língua inglesa ganharam importância na atividade de comércio. Contudo, é interessante salientar que depois da chegada da família real no Brasil os contatos com a Inglaterra não se restringiram a relações comerciais, havendo também significativas “influências e trocas culturais” (FREYRE, 2000, p. 256). Ingleses “[...] artesãos, proletários, intelectuais e demais elementos, que se viam marginalizados econômica, social e politicamente”, saídos “em grandes levadas para o Novo Mundo [...]”, eram vistos como elemento de modernização da nossa agrícola e tradicional sociedade (WRIGHT, 1978, p.10).

A partir da década de 40, e em função do reformismo de 30, agiram os britânicos nas várias partes do globo até onde sua expansão imperial os levava, de maneira diferente. Até que ponto influenciaram os destinos desta expansão um maior senso de responsabilidade social, a idéia de “modernização” contida nessa influência, como ainda o humanitarismo nascente na prática de sua nova teoria do *Império*, são pontos elucidativos do seu comportamento no exterior (WRIGHT, 1978, p. 16).

O novo império inglês expandia-se em Portugal e na América portuguesa por uma série de facilidades estabelecidas em lei. Além da abertura dos portos, no Brasil, o decreto de 4 de maio de 1808 criou o lugar de Juiz Conservador da Nação Inglesa com “o privilégio de julgar quaisquer causas em que estivessem envolvidos cidadãos ou interesses ingleses” (OLIVEIRA, 2014b, p. 216). Mas não podemos nos esquecer também que foi a Inglaterra que serviu de mediadora entre o Brasil e Portugal no processo de reconhecimento de nossa independência.

[...] durante as primeiras décadas do século XIX, a aliança inglesa, no Brasil, apesar das críticas, fazia-se manifestar positivamente, tanto pela corte, que patrocinava missas e composições musicais na sua homenagem, quanto pela intelectualidade brasileira vinculada pela burocracia do Estado, que partilhava de muitos dos seus princípios liberais relacionados ao comércio e à economia e incentivava a instituição do ensino e a publicação de gramáticas de língua inglesa (OLIVEIRA, 2014b, p. 230).

Para o Brasil em formação enquanto nação foi também importante o pragmatismo que os Estados Unidos da América então figurava como um modelo alternativo aos ideais iluministas até então representados pela Europa da França e da Inglaterra.

Uma dicotomia bem clara marca as proeminências econômicas da Grã-Bretanha e cultural da França desde bem cedo sobre o Brasil. Uma tomada de posição tão política quanto econômica, paulatina e insinuante, mas sobretudo desafiadora, marca a ação norte-americana durante o século XIX (WRIGHT, 1978, p. 21).

Na obra *Da democracia na América* (2005), do francês Alexis de Tocqueville, é descrita a cena americana nos anos de 1830 como um exemplo do progresso humano pelo pragmatismo, o que reforça o argumento do mito do modelo americano liberal (WRIGHT, 1978, p. 43). Como alternativa à Europa, estabelecida no modelo feudal, sobretudo geograficamente, os Estados Unidos e sua organização em confederações solucionaria o problema do caráter uniforme das leis do velho mundo, que, por lógica, não atendiam às diversidades locais e de costumes do extenso território brasileiro, por exemplo. Curioso perceber que o imaginário do americano prático também não conseguiu escapar da narrativa vinda da França. Tocqueville, usando de exemplos para descrever o ser americano, aponta para os motivos pelos quais eles seriam mais “afeiçoados” às ciências práticas do que às teóricas. Tendo em vista a ausência nos Estados Unidos de uma “atmosfera” necessária à reflexão, até mesmo as manifestações artísticas deveriam, de preferência, tornar a vida fácil.

Encontrei na América paixões análogas às que vemos na Europa: umas decorriam da própria natureza do coração humano; outras, do estado democrático da sociedade. Assim, encontrei nos Estados Unidos a inquietude do coração, que é natural nos homens quando, sendo todas as condições mais ou menos idênticas, todos entrevêm as mesmas possibilidades de se elevar. Encontrei lá o sentimento democrático da inveja expresso de mil maneiras diferentes. Notei que o povo trabalhava, freqüentemente, na direção dos negócios, um misto de presunção e ignorância, e concluí que, na América como entre nós, os homens eram sujeitos às mesmas imperfeições e expostos às mesmas misérias (TOCQUEVILLE, 2005, p. 365).

A habilidade prática do progresso americano se apresentava para o Brasil de modo mais urgente que a promessa europeia. Apesar disso, o modelo de civilização ocidental centrado na Europa permaneceu majoritário até 1914, com a Primeira Guerra Mundial. Em 1919, o mapa da Europa foi retraçado com a criação de Estados-Nação étnico-linguísticos pelo direito de autodeterminação, tese defendida pelo presidente Thomas W. Wilson (1856-1924), dos Estados Unidos (OLIVEIRA, 2014b, p. 380). Como herança da Primeira Grande Guerra, o nacionalismo étnico continuou a inventar tradições e uma ancestralidade étnica, linguisticamente original e não miscigenada, reafirmando uma oposição ao outro com o esteio da ciência pós-darwiniana e dos princípios da eugenia (ANDERSON, 2008). Se o inglês se vendia como o antídoto à expansão da francofonia no Brasil, o americanismo se colocou contra as estruturas do velho mundo em solo do novo mundo.

Por volta de 1920 a Grã-Bretanha transpunha no Brasil a última fase de uma proeminência econômica de mais de uma centúria. Transformara-se aqui a empresa britânica durante longo período e ia minguando, logo no início do século XX, melancólica e inexoravelmente (WRIGHT, 1978, p. 7).

A esta altura, o francês já havia retirado suas “tropas” e perdido espaço para a *manière de vivre* americana,

publicizada em seus produtos culturais que muito contribuíram para o estabelecimento da internacionalização da língua inglesa. Além do cinema hollywoodiano, o rádio popularizou a língua inglesa e os modos de ser americano, informando não somente com as notícias da guerra mas também entretendo, com comentários esportivos, entrevistas com celebridades, novelas e programas musicais (OLIVEIRA, 2014b).

Foi nesse contexto que os brasileiros aprenderam a substituir os sucos de frutas tropicais onipresentes à mesa por uma bebida de gosto estranho e artificial chamada *coca-cola*. [...] Aprenderam a mascar uma goma elástica chamada *chiclets* e começaram a usar palavras novas que foram se incorporando à sua língua falada e escrita (MOURA, 1986, p. 9).

Com o término da Segunda Grande Guerra, a Inglaterra ainda permaneceu como uma das principais potências mundiais mas agora o principal eixo das relações diplomáticas brasileiras passou a ser Washington e não mais Londres. Sobre este fenômeno Hall (2006) nos esclarece que o surgimento dos Estados Unidos como potência mundial e centro de produção e circulação global de cultura provocou um profundo deslocamento da noção própria de cultura que passa a partir de então a abranger a cultura dita de “massa”, mediada agora pelas formas tecnológicas da “nova ordem mundial” por eles protagonizadas.

AS FRANÇAS E AS INGLATERRAS QUE CONHECEMOS

Michel de Certeau em *A cultura no plural* (1995) discorre sobre uma evidente pluralidade de culturas e tomando o caso da França afirma que “[...] pensar o francês *no plural*; introduzir a relação com o outro (falante de francês ou estrangeiro) como condição necessária da aprendizagem e do intercâmbio linguísticos [...] é [...] aceitar a explosão da língua em sistemas diversificados mas articulados [...]”, insinuando um outro comportamento e uma relação outra com esses saberes que evidentemente extrapolam as questões linguísticas (CERTEAU, 1995, p. 125, grifo do autor).

Sabemos que franceses, ingleses, americanos e muitos outros modelos de organização social chegaram ao Brasil ainda no período colonial. Procurando conhecer nos dias de hoje como se apresentam as impressões da França e da Inglaterra no repertório de brasileiros e portugueses (estudantes, professores em atividade mas também aposentados, e curiosos da língua e cultura francesa e/ou inglesa), um exercício do tipo associação livre com as palavras “França” e “Inglaterra” foi realizado como parte de uma pesquisa de campo sobre a relação com o saber linguístico em cursos livres de francês e inglês realizada entre os anos de 2020 e 2021 no Brasil e em Portugal.

Sobre o vocábulo “França” e “Inglaterra” foi solicitado aos participantes voluntários da pesquisa que nos dissessem as 3 (três) primeiras coisas que lhes vinham à mente sem uma necessária justificativa. Com este exercício imagético, que nos parece simples por ser imediato, foi possível reconhecer grupos semânticos², ou seja, palavras unidas pelo sentido que elaboram um discurso sobre a França e sobre a Inglaterra.

A partir desse universo, percebemos que a França se apresenta cristalizada em temas como a culinária, a literatura, música e cinema, nas ciências, sobretudo as sociais, na sua língua nacional e ortografia particular, em sua história política, geografia, lugares turísticos e capital nacional, por personalidades políticas e movimentos geopolíticos, pelas inovações tecnológicas, pelas pessoas e pelos professores de língua. Dos muitos vocábulos evocados sobre a França nas associações espontâneas, apresentamos a seguir uma lista de termos que classificamos em grupos semânticos.

Quadro 1 - Grupos semânticos e termos associados à palavra França

Grupos semânticos	Termos associados
Culinária	pâtisserie, pastelaria, pão francês, queijo, petit gâteau, croissant, brioches, croissant au chocolat, Ladurée
literatura, artes e ciências	(o personagem) Asterix, Françoise Hardy, Georges Méliès, Édouard Louis, Bourdieu, Édith Piaf, (a música) “La Vie en Rose”, (o filme) “O fabuloso destino de Amélie Poulain”, (o estereótipo) “pintor de bigodinho”, (a cantora) Pomme, bolsa de estudo, intercâmbio, (universidade) Sorbonne
língua nacional	o uso da “crase no E”, a palavra “bonjour (sic!)”
história política	manifestações, burocracia, República, Revolução Francesa
geografia, lugares turísticos, capital	neve, lavanda, Paris, Notre Dame de Paris, Grasse (terra dos perfumes), Bastilha, Museu de Louvre, Torre Eiffel, Avenida Champs-Élysées, Versailles
personalidades políticas	Napoleão, Joana D’arc
movimentos geopolíticos	imigração, I Guerra Mundial
inovações tecnológicas	gramática, avião
Pessoas	família, família (emigrante), meu esposo, pai, “Doux pays de mon enfance”
Professores de língua	Givaldo (professor doutor de francês aposentado do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe), “Ada” (professora particular de francês na cidade de Aracaju)

Fonte: Dados fornecidos pelos participantes da pesquisa e organizados pela autora.

A Inglaterra, por sua vez, aparece associada à política, à sua monarquia, ao parlamento, por movimentos geopolíticos como os processos de expansão colonial. Embora sejam menos numerosas, palavras do universo gastronômico também são citadas pelos participantes da pesquisa, assim como um repertório de personagens da literatura e da música contemporânea, impressões de sua língua (sobretudo aspectos de sua oralidade), de sua geografia física, de lugares turísticos e de sua gente. Classificamos os termos associados à Inglaterra em dez grupos semânticos apresentados no quadro abaixo:

Quadro 2 - Grupos semânticos e termos associados à palavra Inglaterra

Grupos semânticos	Termos associados
monarquia, parlamento	rainha, Rainha Elizabeth II, Princesa Diana, Boris Johnson, “Rainha imortal”, “vida longa à rainha”
movimentos geopolíticos	<i>Brexit</i> , colonização, multiculturalismo, revolução industrial colonizador, império
Culinária	chá, batata, Hambúrguer
personagens da literatura e da música	(o ursinho) Paddington, Virginia Woolf, Beatles, Shakespeare, J.K Rowling, Amy Winehouse, One Direction
hábitos sociais e urbanismo	“high tea”, protestantismo, ônibus
geografia, lugares turísticos e capital	frio, cinza, nuvens, chuva, Grã-Bretanha, Londres, Big Ben, Palácio de Buckingham, Torre de Londres, pub, “a beleza medieval de algumas construções”
língua	“um sotaque hahah imagino o sotaque das pessoas falando inglês”, “a língua falada”, (a palavra) hello
Pessoas	“Minha amiga Leticia que foi morar em Londres há uns 5 anos”, soberba, amigos, “a hostilidade das pessoas”, arrogância, amizade
promoção da ciência	Cambridge University, National Gallery
símbolos nacionais	Bandeira

Fonte: Dados fornecidos pelos participantes da pesquisa e organizados pela autora.

Com esta atividade do tipo associação livre, conhecemos uma França e uma Inglaterra pela ótica de curiosos da língua. As imagens acústicas, produzidas de maneira espontânea, são ideias porque são impressões pessoais que os participantes despertaram ao nível linguístico quando questionados. Percebemos com isso a nossa histórica francofilia quando palavras de um universo de progresso e sofisticação tecem os perfis de uma França associada aos prazeres da boa mesa, sobretudo da confeitaria e padaria, às inovações tecnológicas e às artes em quase tudo positivas. Por outro lado, apesar da conhecida relação de amizade da Inglaterra com Portugal e com o Brasil, termos pejorativos como “arrogante” são associados ao povo inglês.

“Paris” e “Londres” foram os dois vocábulos mais recorrentes no exercício de associação livre com 17 (dezesete) e 11 (onze) entradas cada, respectivamente. Os monumentos da torre Eiffel, na França, e do Big Ben, na Inglaterra, foram apresentados aos nossos participantes a partir de imagens típicas de cartão postal para que fossem por eles realizado um exercício de descrição

desses espaços físicos. Paris e Londres aparecem ora como “Lugares que nos permitem viajar na história da humanidade”, como afirmou um participante, entendendo humanidade no sentido eurocêntrico do termo; ora como circuito turístico, ocupando a torre Eiffel, na capital francesa, uma “[...] fama tão grande que virou um produto comercializável que pode ser encontrado em qualquer lugar do mundo em chaveiros, camisas, imitações, decorações e etc; sendo a sua venda não limitada apenas ao território parisiense”, como declara outro participante da pesquisa. Percebemos uma relação quase metonímica destes monumentos com a ideia de nação como declara outro voluntário da pesquisa quando sinaliza: “Curioso, os dois locais me fazem lembrar os países (sic)”.

Descrições objetivas dos espaços físicos e das pessoas representadas nas imagens mas também descrições do tipo subjetiva, elaboradas a partir de relatos pessoais e até mesmo conselhos turísticos sobre estes lugares foram elaboradas pelos voluntários da pesquisa de campo em um exercício do tipo descrição. Tanto na primeira imagem apresentada aos participantes voluntários, no caso, a da torre Eiffel, como na segunda, com o Big Ben, as descrições aconteceram a partir da história política da França e da Inglaterra, respectivamente, ou de dados enciclopédicos sobre o momento de fundação destes monumentos.

A Torre Eiffel foi construída para a Exposição Universal de 1889, inicialmente era para ser algo temporário e não agradou aos franceses. Entretanto, pelo seu valor enquanto antena de transmissão, acabou sendo mantida, os franceses e o mundo aos poucos não apenas se acostumaram como também se apaixonaram pela Torre que virou um dos principais símbolos da França (Descrição da Torre Eiffel por um participante da pesquisa).

O Big Ben. No coração de Londres. Impo-nente. Fiz questão de mostrar a meus pais. Ele fica no Parlamento da cidade, um ícone que passa ou passou por restauro recentemente. Pertinho dele, há uma estação para um passeio de barco pelo rio que cruza a cidade e nos leva a Greenwich, parques e a Abadia de West-

minster. Conto os dias para voltar (Descrição do Big Ben por um participante da pesquisa).

Foram também elaboradas descrições destes espaços que podemos entender como vagas ou imprecisas, como atestam as seguintes passagens:

Torre Eiffel, na França, não sei muito da história mas **ouvi falar** que era pra ser uma grande torre de comunicação para colocar antenas etc, mas acabou virando um ponto turístico atrativo na França não sei se é isso mesmo hhaah mas é icônico... (Descrição da Torre Eiffel por um participante da pesquisa, grifo nosso).

Big Ben, é uma torre com um relógio, **não temto** (sic!) **o que falar**, não sei sobre a história, mas sigo o relógio no twitter e dou muita risada com os BONG BONGS (Descrição do Big Ben por um participante da pesquisa, grifo nosso).

Todos os respondentes desta pesquisa de campo souberam nomear o monumento francês e alguns até se arriscaram em contar a história da torre Eiffel, citando nomes e datas de sua inauguração. Curiosamente, com o monumento inglês do Big Ben interrogações foram levantas, como apontam os seguintes trechos:

A torre eiffel (sic!), principal ponto turístico de Paris. **Essa outra do relógio eu não me lembro** (Descrição da Torre Eiffel e do Big Ben por um participante da pesquisa, grifo nosso).

A Torre Eiffel é uma imagem clara, para mim. A segunda imagem [em referência à imagem do Big Ben] **me fugiu à memória** (Descrição da Torre Eiffel e do Big Ben por um participante da pesquisa, grifo nosso).

Já vi, mas **não sei o nome** (Participante da pesquisa referindo-se ao Big Ben, grifo nosso).

Em nossa pesquisa de campo, o monumento inglês, menos conhecido que o francês, foi também descrito em associação ao cinema estadunidense. Escritores,

obras e personagens da literatura inglesa não são citados pelos seus textos originais, mas pelas adaptações cinematográficas estadunidenses que os popularizaram na contemporaneidade, como demonstram as seguintes passagens:

Big Ben, **cenário dos filmes** do Sherlock Holmes [...] (Descrição do Big Ben por um participante da pesquisa, grifo nosso).

[...] **me lembrando o filme V de Vingança** (2005) em que o prédio é destruído simbolizando uma revolução (Descrição do Big Ben por um participante da pesquisa, grifo nosso).

Com efeito, o filme *V de Vingança*, lançado em 2005, é baseado em um romance do inglês Alan Moore (1953 -), mas foi com o roteiro adaptado pela editora estadunidense *DC Comics* que a história original ficou popular. Percebemos que nas duas imagens apresentadas descrições como esta, do tipo subjetiva, foram mais numerosas em nossa pesquisa de campo que as do tipo objetiva. Parece importar a experiência individual, e talvez por isso mesma afetiva, com a língua estrangeira, e a passagem a seguir serve como exemplo de uma espécie de relação de pertencimento que um participante da pesquisa declara ter com a cidade de Londres.

Um dos lugares que mais me emocionei em conhecer, por mim poderia voltar todos os anos. **Me sinto envolvida emocionalmente**, historicamente e profissionalmente. **Como se fosse meu lugar no mundo**. Depois dos meus dois intercâmbios para lá, especialmente no segundo, demorei para superar a volta ao Brasil (Descrição do Big Ben por um participante da pesquisa, grifo nosso).

Dos passeios turísticos na cidade de Paris, sobretudo pelos participantes brasileiros, são elaboradas recomendações sobre como melhor aproveitar a Torre Eiffel e seus espaços vizinhos, o que sugere uma relação familiar com a geografia e funcionamento do lugar:

[...] ... associo a Torre Eifel (sic!) a escadas intermináveis. (Por norma há grandes filas para o (sic) usar o elevador então **a única**

maneira de contornar a situação é fazer ginástica e subir as escadas. (Descrição da torre Eiffel por um participante da pesquisa, grifo nosso).

A Tour Eiffel é um monumento lindo, é maravilhoso vê-lá (sic) e subir por suas vigas. **O conselho é... vá de elevador.** (Descrição da torre Eiffel por um participante da pesquisa, grifo nosso).

As pessoas que fazem estes espaços físicos também são evocadas pelos participantes da pesquisa segundo os estereótipos do europeu discreto e objetivo, sendo ingleses e franceses referidos de maneira simpática com predicativos que remetem a valores como pontualidade e sofisticação. “[...] Os franceses em geral são muito diretos, principalmente os de Paris, tem uma cultura interessante, mas não são o povo mais caloroso do mundo”, como afirma um participante da pesquisa. Já os ingleses, são “[...] pessoas comedidas, distante, (sic!) uma educação formal que nem sempre significa a verdade”. Aparecem também impressões sobre franceses e ingleses não tão generosas assim, sendo os ingleses lembrados como “pessoas feias” e a Inglaterra, um lugar “[...] onde tudo é caro demais e nem sempre se é bem vindo (sic!)”. Os franceses “são mal educados (sic!) e não gostam de falar o inglês”, para outro participante, o que reforça o mito de um nacionalismo linguístico pelos franceses, referidos como resistentes ao imperialismo da língua inglesa.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nos exercícios do tipo associação livre e do tipo descrito, questões recortadas de pesquisa de campo sobre a relação com o saber e as línguas estrangeiras desenvolvida com estudantes, professores e curiosos da língua e cultura da França e da Inglaterra, as experiências individuais de contato com o outro, no caso, com o suposto nativo francês ou inglês da capital e as imagens objetivas e subjetivas dos lugares turísticos constituíram o núcleo da pesquisa sobre a francofilia e anglofilia.

Impressões sobre os primeiros usos da língua francesa e inglesa são por eles evocados como experiências significa-

tivas. Sobre a língua, encontramos uma associação ao adjetivo “engraçado” em algumas passagens como: “Não saber falar francês na França foi uma experiência engraçada” ou “Acho o inglês britânico bastante engraçado, mais ‘carregado’ do que o inglês americano... Tal circunstância faz-me comparar português brasileiro do português de Portugal (sic)”. Entendemos que o termo “engraçado”, neste caso, foi uma maneira simpática e talvez equivocada para narrar o estranhamento ou a falta de habilidade linguística vivida por alguns participantes da pesquisa quando do contato com francófonos e anglófonos.

Conhecer em nível linguístico as representações da França e da Inglaterra de modo geral, ratificam a já conhecida relação de francofilia e anglofilia no Brasil. Paris e Londres significam a França e a Inglaterra, respectivamente, lembradas como cidades turísticas, de produção e de circulação de coisas e ideias em seus sentidos sobretudo eufóricos.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BRUNOT, Ferdinand. **Histoire de la langue française**. Tome VIII, Paris, 1935.
- CALVET, Louis-Jean. **Les politiques linguistiques**. 1er. édition. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- CALVET, Louis-Jean. **La guerre des langues et les politiques linguistiques**. Paris: Hachette, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 4 ed. Campinas: Papirus Editora, 1995.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano – Artes de fazer**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.
- HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução: Adelaide La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- HAZARD, Paul. **Crise da consciência europeia**. Tradução: Oscar de Freitas Lopes. Lisboa: Cosmos, 1971.

MOURA, G. **Tio Sam chega ao Brasil**: a penetração cultural americana. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo. **O mito de Inglaterra**. Anglofilia e anglofobia em Portugal (1386-1986). Lisboa: Gradiva, 2014b.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo. **A Língua do Outro**: Ensaios sobre ensino, literatura e cultura de Língua Inglesa no Brasil. 1 ed. Campinas: Pontes Editores, 2022.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **Da democracia na América**. De certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2. ed., 2005.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**. 4.^a ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1977.

WRIGHT, Antonia Fernanda P. de Almeida. **Desafio americano à preponderância britânica no Brasil**: 1808-1850. São Paulo: Ed. Nacional (Brasília), 1978.

NOTAS

¹ A pesquisa de campo realizada pela autora entre os anos de 2020 e 2021 contou com a colaboração voluntária de oitenta e dois participantes. Nosso perfil de respondentes ficou definido por uma maioria de mulheres brancas, nascidas no Brasil e que tinham até abril de 2021 entre trinta e um e quarenta e três anos de idade.

² “Um campo semântico não reflecte apenas as ideias, os valores e as perspectivas da sociedade contemporânea; cristaliza-as e perpetua-as também; transmite às gerações vindouras uma análise já elaborada da experiência através da qual será visto o mundo, até que a análise se torne tão palpavelmente inadequada e antiquada que todo o campo tenha de ser refeito” (ULLMANN, 1977, p. 523).

A AUTORA

Kate Constantino Oliveira é Doutora em Educação na linha de pesquisa Educação, Conhecimento e Cultura pela Universidade Federal de Sergipe (2018-2022) com formação no Programa Intercalar de doutoramento no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (2020). Mestra em Educação na linha de pesquisa Educação e Formação Docente pela Universidade Tiradentes (2016). Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França (2012). Graduada em Letras Português-Francês pela Universidade Federal de Sergipe (2009). Experiência na área de Letras, com ênfase em Língua e Literatura Francesa.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4842-5959>.

E-mail: kateconstantinooliveira@gmail.com

